

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Anna Clara Knop da Fonseca

**A NECESSIDADE DA REPRESENTATIVIDADE DE MINORIAS NA MÍDIA E CULTURA: UMA
ANÁLISE ENTRE GERAÇÕES SOBRE IDENTIFICAÇÃO, PERTENCIMENTO E SOLIDÃO.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Marcella Beraldo de Oliveira.

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ANNA CLARA KNOP DA FONSECA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172085A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A NECESSIDADE DA REPRESENTATIVIDADE DE MINORIAS NA MÍDIA E CULTURA: UMA ANÁLISE ENTRE GERAÇÕES SOBRE IDENTIFICAÇÃO, PERTENCIMENTO E SOLIDÃO**, desenvolvido durante o período de 14/08/2023 a 11/12/2023 sob a orientação de MARCELLA BERALDO DE OLIVEIRA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

ANNA CLARA KNOP DA FONSECA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A necessidade da representatividade de minorias na mídia e cultura: uma análise entre gerações sobre identificação, pertencimento e solidão.

Anna Clara Knop da Fonseca¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre a presença e a ausência das mídias sociais na jornada de aceitação de pessoas LGBTQIAPN+ nascidas e criadas em diferentes gerações, através de uma revisão bibliográfica e pesquisa empírica. Este trabalho busca entender como surgem os produtos culturais voltados para a comunidade e como eles são capazes de servir como apoio para pessoas que não possuem segurança em suas próprias casas ou ambientes de escola e trabalho, e como podem se transformar em uma rede de pertencimento, identificação e confiança, criando conexões interpessoais significativas. Para compreender tal fenômeno, será feito um estudo histórico sobre a produção da matriz heterossexual, a marginalização de trajetórias que não se encaixam na mesma e o papel do capital no surgimento desses fatores, além de entender quais são as referências mais importantes em gênero e sexualidade, tendo como base as histórias de entrevistados, conhecimento histórico e dados sobre telenovelas, fonte das maiores produções culturais no Brasil.

Palavras-chave: representatividade, corpo, mídias sociais, gênero e sexualidade.

Introdução

A principal intenção desta pesquisa é perceber a diferença entre as gerações em relação à discussão de gênero e sexualidade que vem sendo tão presente nos últimos anos em todos os veículos de comunicação, principalmente naqueles que têm como público alvo as famílias mais conservadoras brasileiras. A normalização de relacionamentos homoafetivos e pessoas que não se encaixam nos padrões heteronormativos que é abordada atualmente nos jornais, nas novelas e programas de televisão aberta são extremamente importantes para que essa discussão esteja dentro de todas as casas no país, abrindo a possibilidade de pessoas queers se sentirem mais seguras ao ver o acolhimento de personagens e pessoas por parte de seus familiares. Para pessoas mais velhas, a TV é a forma de acesso mais fácil e mais presente no cotidiano, seja em jornais, em telenovelas ou em programas de auditório, influenciando em massa os comportamentos e opiniões; já para as gerações mais recentes, a internet e as redes sociais fazem esse papel em uma escala muito maior. Jovens que nasceram com acesso à internet ou entraram nesse meio de forma precoce, possuem um entendimento muito mais abrangente sobre a maioria dos tópicos que se pode pensar, isso acontece porque há uma facilidade em obter informações e em fazer contato com pessoas que são capazes de compreender as histórias de vida e isso, na maioria das situações, é mais agradável e reconfortante para o público mais jovem. Além da revisão bibliográfica sobre construção identitária e movimento LGBTQIAPN+ que será feita neste trabalho, serão apresentadas histórias de vida de quatro pessoas em faixas etárias diferentes e exemplos que marcaram suas vidas de forma permanente, a partir disso é possível perceber que, apesar das diferenças de idade, gênero, contexto, classe social, religião, raça, as experiências se assemelham e conversam entre si.

A construção identitária ao longo da história

As noções tradicionais de identidade de gênero são impostas na sociedade de forma que reforçam as hierarquias de poder de uma classe sobre outras menos favorecidas, que não seguem as expectativas impostas. A dicotomia entre feminino e masculino e as normas impostas a cada um é limitante quando se trata da

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Marcella Beraldo de Oliveira.

performatividade do gênero, já que para fazer parte da sociedade, pessoas que não se encaixavam nessa limitação por muito tempo precisaram encenar e se encaixar nos padrões esperados, porque algo que fugia da escala aceita seria condenado. Nas discussões de Judith Butler acerca do tema, entende-se que as identidades não são fixas e não são intrínsecas, mas são construídas a partir de atos que podem se conformar ou não às normas sociais e culturais, são moldados a partir do contexto. Tendo isso em vista, é não só possível, mas também necessário que as ideias tradicionais de gênero sejam desconstruídas e corrompidas através de atos de resistência às opressões sofridas ao longo da história. Nesse sentido, a performatividade de gênero é um ato político, que contesta as estruturas de poder e acaba com a ideia de que é preciso se conformar com algo que você não é para estar inserido na sociedade.

Nos anos iniciais do movimento LGBT no Brasil, a homossexualidade ainda estava entrelaçada à marginalidade e a comunidade era vista em diversos espaços que eram considerados furtivos. O autor norte-americano James Green publicou no Brasil, em 2000, sua tese de doutorado com o título: *“Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX”*, evidenciando de formas variadas em seu texto a importância da cultura como forma de sociabilidade para as pessoas que viviam sendo marginalizadas por atitudes que eram consideradas desvios de personalidade para as camadas tradicionais e conservadoras das capitais do Rio de Janeiro e São Paulo. O autor fala sobre os pontos de encontro de homens gays, as revistas que eram voltadas para o público masculino que consumia a musculação e acabou se tornando mais consumida para fins homoeróticos, sobre as zonas de prostituição, bares e boates que se popularizaram no centro.

“A urbanização, a modernização e a industrialização haviam contribuído para a formação de subculturas vibrantes no Rio, em São Paulo e nas outras principais cidades. A sociabilidade homoerótica ocorria em inúmeros lugares, desde espaços públicos, como parques, cinemas e outras áreas hoje chamadas pela subcultura de “pegação”, até comércio, bares e casas noturnas dirigidas ao público gay. O processo de formação de identidades distintas dentro dessas subculturas incluiu inúmeras expressões culturais, entre elas a publicação de jornais caseiros, uma presença cada vez mais visível nas celebrações do carnaval e uma infinidade de outras manifestações de interações coletivas. Além disso, apesar da censura governamental, as influências contraculturais que permearam os movimentos de jovens e estudantes nos anos 60 propiciaram uma discussão limitada na sociedade e na mídia sobre a sexualidade, os papéis de gênero e a homossexualidade.” (GREEN, 2000. p.455).

A conclusão de Green é que os movimentos políticos poderiam ter surgido no início dos anos 70, se não fosse pelo atraso que a ditadura militar causou nesse e em outros âmbitos progressistas. Regina Facchini, em *“Sopa de Letrinhas”* (2002), ressalta a importância de perceber que a ditadura militar favoreceu o surgimento de movimentos de resistências, inclusive o antiautoritarismo da “primeira onda” do movimento homossexual brasileiro.

A “primeira onda” foi marcada com o surgimento do grupo Somos, em São Paulo no ano de 1978, que atingiu um nível de reconhecimento histórico. Em um primeiro momento, o grupo contava apenas com homens que se reuniam para debates e reflexões acerca de questões que envolviam os grupos discriminados. A partir do momento em que o grupo se popularizou, mulheres também começaram a fazer parte e foram criadas subdivisões e outros grupos devido a diferenças nos princípios e surgimento de outros tópicos para serem defendidos. Dentre muitas discussões, o grupo fazia análises sobre as distinções sociais de gênero, sobre os estereótipos que rondavam a comunidade, sobre as práticas monogâmicas e bissexuais e lutava contra a autoridade interna e externa; de forma geral, o grupo criava uma “consciência homossexual”. Edward Macrae foi um dos estudiosos que detalhou o Somos, suas características e ramificações em sua tese de 1985: *“O militante homossexual no Brasil da “abertura”*, encontrada em uma compilação de escritos republicada em 2018.

“[...] mais do que sendo descoberta, uma identidade homossexual estava sendo construída. Mas, nisso, as reuniões de identificação certamente foram muito eficazes e novos valores eram criados, previamente desconhecidos mesmo entre os frequentadores do gueto. [...] tal era a diversidade da população homossexual em geral, que, mesmo dentro do contexto mais restrito do Somos, era inevitável o surgimento de uma certa diferenciação baseada em experiência de vida, nível sócio educacional, convicções políticas, idade, raça, charme pessoal, etc.” (MACRAE, 2018. p. 199).

Os encontros em grupo se tornaram um local seguro para quem não possuía apoio externo e sofria com o preconceito e problemas pessoais. As conversas entre pessoas com vivências semelhantes são positivas em

vista de que promovem o autoconhecimento, o pertencimento e a sensação de acolhimento em uma comunidade. O texto de Macrae conta com entrevistas e depoimentos de pessoas que fizeram parte do grupo Somos e declaram muitas mudanças positivas em suas jornadas devido às amizades lá encontradas. Hábitos de demonstração de afeto eram normalizados no grupo, o que permitiu a normalização dos mesmos em lugares públicos também, mas ainda se preocupando em não prejudicar as vidas pessoais dos membros que não eram expostos em certos ciclos (familiares ou de trabalho).

Émile Durkheim debate a questão da solidariedade em sociedade a partir da análise Da Divisão do Trabalho Social e com isso é possível entender a necessidade de se ver em outra pessoa, de se identificar em atitudes e interesses de sujeitos semelhantes ou não, a partir disso os indivíduos se tornam mais autônomos, ao mesmo passo em que dependem mais da sociedade, das partes que a compõem.

“Sem dúvida, só pode haver solidariedade entre outrem e nós se a imagem desse outrem se une à nossa. Mas quando a união resulta da semelhança das duas imagens, ela consiste numa aglutinação. As duas representações tornam-se solidárias porque, sendo indistintas, no todo ou em parte, se confundem e se tornam uma só coisa, e só são solidárias na medida em que se confundem. Ao contrário, no caso da divisão do trabalho, estão fora uma da outra e só são ligadas por serem distintas. Portanto, os sentimentos não poderiam ser os mesmos nos dois casos, nem as relações sociais que deles derivam. (DURKHEIM, 1893. p. 28).

O autor fala sobre duas formas de solidariedade, a primeira, mecânica, era aquela que se via na sociedade pré-industrial: os indivíduos compartilhavam semelhanças de crença e valores, alcançando a coesão social ao lado de uma base econômica agrária. Uma das características principais desse tipo de sociedade é a integração das normas sociais na consciência coletiva, que se coincide com a individual, criando também uma pressão social para manter a conformidade e fazer as partes se movimentarem sempre em conjunto. A transição para uma economia industrial atingiu todos os aspectos da vida em sociedade, principalmente com a divisão do trabalho, especialização das funções e independência dos indivíduos; Durkheim chama essa fase da solidariedade de orgânica, na qual os indivíduos não mais se baseiam em suas semelhanças, mas contribuem para o social em funções específicas, que se complementam e dependem umas das outras. Aqui, as normas sociais começam a se flexibilizar e os sujeitos são mais capazes de se movimentar individualmente. Seria “normal” que a divisão do trabalho gerasse sempre solidariedade, mas existem situações em que o oposto acontece e o rumo “natural” das coisas é alterado. Crises industriais, antagonismo de capital e trabalho e a especialização do conhecimento científico são exemplos citados como pontos de partida para a desintegração da sociedade.

As redes sociais como um local seguro

Desde o que foi denominado como primeira onda, a forma de se relacionar em grupo sofreu diversas modificações, principalmente com a popularização da internet e, em 2004, o surgimento do Orkut, primeira rede social a construir uma grande base de usuários no Brasil. A facilidade de acesso às pessoas com os mesmos gostos transformou a forma de se comunicar para toda a população, mas significou para a comunidade LGBT um espaço anônimo e fácil para encontrar outras pessoas que procuravam o mesmo apoio que os paulistas conseguiram em 1978. Em filmes, programas de TV, propagandas e nas próprias redes sociais, os espectadores encontram narrativas e imagens que contribuem para a formação de normas e expectativas sociais sobre gênero e sexualidade diferentes das que são vistas fora da internet. Tais padrões de comportamento são reforçados e passam a ser, mesmo que aos poucos, socialmente aceitos; o que contribui e influencia as percepções e as experiências individuais, mostrando um caminho além daquele que por muito tempo foi mostrado como o único correto e possível.

As mídias e a internet são fatores que influenciam cada aspecto da sociedade em que vivemos hoje, não apenas refletindo, como também moldando as percepções sociais. Analisando todo esse contexto percebemos como ao longo dos últimos anos certas identidades estão cada vez mais presentes nesse discurso: no início, pessoas LGBTQIA+ em filmes e novelas eram sempre marginalizadas, inseridas em contextos humorísticos ou violentos, reforçando estigmas dos pensamentos tradicionais e conservadores; já hoje, vemos mais narrativas que celebram as diversas identidades e fazem com que o público possa se identificar e se sentir visto.

Na obra Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos, Zygmunt Bauman fala sobre as realidades virtual e não virtual e é simples entender como a internet se tornou hoje, para muitas pessoas, a forma de contato preferida.

“A proximidade virtual reduz a pressão que a contiguidade não-virtual tem por hábito exercer. Ela também estabelece o padrão para todas as outras proximidades. Toda proximidade está agora no limite de medir seus méritos e falhas pelo modelo da proximidade virtual. [...] Seria tolo e irresponsável culpar as engenhocas eletrônicas pelo lento mas constante recuo da proximidade contínua, pessoal, direta, face a face, multifacetada e multiuso. E no entanto a proximidade virtual ostenta características que, no líquido mundo moderno, podem ser vistas, com boa razão, como vantajosas - mas que não podem ser facilmente obtidas sob as condições daquele outro tête-à-tête, não-virtual. Não admira que a proximidade virtual tenha ganhado a preferência e seja praticada com maior zelo e espontaneidade do que qualquer outra forma de contiguidade. A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum.” (BAUMAN, 2004. p. 39-40).

Não se deve romantizar e normalizar o uso crônico de smartphones, computadores, internet e telas em geral durante a vida toda de uma pessoa, pois apesar de facilitar a rotina, as consequências negativas que seguem o vício tóxico estão se fazendo cada vez mais notáveis na forma de aprendizado de crianças, que têm comportamentos não saudáveis se a elas é negado o uso dos aparelhos. Apesar desse aspecto, não há como negar que essa é uma válvula de escape de uma realidade que para muitos é ruim e exaustante, e ao encontrar pessoas de diversos lugares do mundo, a solidão e a tristeza por não ser compreendido deixa de ser uma realidade e dá lugar ao conforto, ao apoio, às amizades, ao autoconhecimento.

Sobre a pesquisa empírica

É importante lembrar também das diferenças regionais durante o início do movimento homossexual no Brasil, grupos como o Somos se concentravam nas capitais mais populosas do país e enquanto isso, nas regiões do interior, por exemplo, a experiência ainda não era a mesma. Paulo, de 65, conta sobre a importância do carnaval para homens gays que viviam em cidades pequenas e se rendiam aos padrões esperados por pressão da sociedade, para se encaixar em suas famílias e ambientes de trabalho. Porém, a festa do carnaval era o espaço no qual podiam ser quem quisessem, desfilavam nas escolas de samba, vestiam roupas femininas e acessórios que os faziam sentir confortáveis e felizes.

“Eu me entendi como homossexual aos 21 anos, mesmo já tendo tido relações com outros homens durante a adolescência. Eu não queria ser, lutei muito contra isso, eu queria casar, ter filhos, ser como os homens que eu via como exemplo. [...] Durante a adolescência, eu via os garotos da minha idade se abrindo para relações sexuais e eu me perguntava como eu não sentia aquilo, nem com meninos e nem com meninas, mas aconteceu naturalmente, e quando aconteceu, isso mexeu comigo porque eu achava que era pecado e não sabia como poderia contar para a minha família, muito rígida. [...] Foi através das revistas que eu comecei a despertar esse entendimento, eu não me via estando em uma relação como as que eram mostradas, com homens e mulheres. Mas quando eu vi pela primeira vez uma revista que tinha uma travesti, eu me vi ali, eu queria ser daquela forma. E então passei muito tempo me expressando assim, com roupas e acessórios femininos, me sentia confortável, sempre fui muito afeminado, muitos parceiros me viam como uma mulher e meu único desejo era ser um menino, um homem como os outros, como eu achava que deveria ser.” (Paulo).

As expectativas da sociedade sobre o indivíduo o obrigam a se tornar alguém que não é para se encaixar nos lugares que deveriam ser oferecidos independentemente das experiências pessoais e o marcam para sempre, como é possível perceber nas falas de Paulo, que mesmo em sua idade e apesar de sua felicidade, ainda sente o peso dos pensamentos que o consumiram. Há décadas atrás, era comum se referir à comunidade LGBTQIA+ como pessoas que viveriam sempre às espreitas, sem qualquer visão de um futuro possível como os heterossexuais tinham. O desejo de construir uma família não estava nos planos de muitas pessoas, pois não havia esse tipo de aceitação e os poucos casais que falavam abertamente sobre suas vidas sofriam com o desdém sobre sua forma de viver.

Os padrões sociais são apoiados pelo capitalismo, que domina as comunicações de massa e promove estilos de vida que são lucrativos e favorecem a produtividade econômica e sua estabilidade, isso faz que os produtos

mediáticos produzam uma visão homogênea sobre a sociedade que fomenta a conformidade social, e quando essas normas são desafiadas, o indivíduo lida com a discriminação, com o preconceito e até mesmo com o isolamento. Com o passar dos anos e o crescimento das lutas e movimentos sociais, a comunidade LGBTQIA + conquistou direitos que transformaram sua vivência e tornaram a representatividade mais presente, mesmo que lentamente, o apelo mundial sobre essas e outras minorias foi importante para esse resultado. A partir disso, os meios de comunicação e de produção dão as costas ao preconceito escancarado e mostram seu apoio que consiste em vender filmes, novelas, artistas, produtos voltados para o público gay. O que é posto como amparo tem o intuito de esconder o desejo de lucrar de qualquer forma, as grandes empresas aproveitam da vulnerabilidade de pessoas que por séculos foram marginalizadas para manter sua estabilidade e aumentar o número de vendas ao redor do mundo. Por esse motivo, o número de produções da mídia com essa temática cresce cada vez mais. Em salas de cinema, no jornal da TV aberta, nas novelas que são produzidas por grandes empresas e vendidas para todo tipo de público brasileiro, a discussão e a luta entra nas casas e nas famílias, possibilitando que pessoas mais tradicionais e conservadoras vejam a situação com outros olhos, assim como crianças podem assistir e ter um primeiro contato saudável com a representação e a existência de pessoas LGBTQIA +.

A geração Z é o grupo demográfico nascido entre 1997 e 2010 e é conhecido como os *nativos digitais* (PRENSKY, 2001), termo utilizado para abordar essas pessoas que cresceram imersas à internet, que estão constantemente conectadas e consomem todo conteúdo que possa estar disponível. O autor aplica esse conceito para abordar dificuldades na educação em diferentes gerações e também fala sobre os *imigrantes digitais*, que não nasceram no mesmo ambiente, mas tentam aprender; o termo é utilizado para fazer relação ao fato de que imigrantes se adaptam ao ambiente em que estão, mas mantendo traços que revelam a verdadeira situação. Apesar de ser um artigo voltado para a educação, podemos relacionar os conceitos e a seguinte citação com a dificuldade que pessoas mais velhas, de gerações anteriores, têm para compreender a importância e a participação do mundo da internet na vida e no cotidiano dessa nova geração.

“Os Imigrantes Digitais não acreditam que os seus alunos podem aprender com êxito enquanto assistem à TV ou escutam música, porque eles (os Imigrantes) não podem. É claro que não - eles não praticaram esta habilidade constantemente nos últimos anos. Os Imigrantes Digitais acham que a aprendizagem não pode (ou não deveria) ser divertida. Por que eles deveriam? Eles não passaram os últimos anos aprendendo com a Vila Sésamo.” (PRENSKY, 2001. p. 3).

É de se esperar que a diferença da perspectiva sobre o tema da representatividade LGBTQIA + seja evidente, mas isso não significa facilidade e aceitação imediata. Mais três pessoas foram entrevistadas para esta pesquisa e nasceram nessa era digital onde o acesso é ilimitado, as experiências conversam entre si e se assemelha, mas é claro a individualidade de cada um e o conhecimento sobre a mesma. Yuri, de 26 anos, conta que na sua infância a música foi muito presente em diversas plataformas até se encontrar em páginas sobre artistas específicos nas quais os fãs conversavam entre si sobre o gosto em comum e também sobre experiências.

Muitos cantores que se popularizaram no século XXI fizeram sucesso na comunidade gay, mas um dos maiores nomes é Lady Gaga, cantora pop citada pelo entrevistado, que ficou conhecida por suas performances exóticas e suas letras acolhedoras para pessoas que não se encaixavam no que era considerado normal. Lucy Bennett, autora inglesa e PhD em *fandoms online* pela Cardiff University escreveu sobre o fandom da cantora e a importância do seu ativismo nas redes sociais, algo que começou a ser presente nos discursos de grandes artistas, que acabam mobilizando seu público a lutar por causas e atos políticos que envolvem minorias. Em sua música mais famosa, Born This Way, Gaga celebra as diversidades e clama “*Eu sou bonita do meu jeito / Porque Deus não comete erros / Estou no caminho certo, meu bem / Eu nasci desse jeito.*” Lançada em 2011, a música se tornou um “hino LGBT”, por amparar não só a comunidade, mas pessoas com deficiências, de diferentes raças e religiões, dando a força que muitos precisavam para se aceitar e se tornarem hoje, pessoas livres e orgulhosas de quem são.

Ketry (19 anos) e Nic (18 anos) também compartilham da experiência musical, com referências mais recentes, o grupo feminino Fifth Harmony, Troye Sivan, Hayley Kiyoko e Halsey. Neste ponto, as redes sociais já fazem parte da vida da maioria da população, e a maior concentração de grupos de fãs pode ser vista no X (antigo Twitter). Além disso, a popularização da plataforma YouTube fez com que muitas pessoas ficassem conhecidas por contar suas histórias, promover encontros e falar sobre esses debates de forma aberta e acessível para todos. Ambas as entrevistadas contaram sobre as dificuldades que passaram em família devido ao preconceito e o desprezo dos mesmos sobre a sexualidade e exposição da mesma. Yuri, Ketry e Nic compartilham do

sentimento de salvação que encontraram ao se inserirem em meios que promovem a igualdade, tendo importância não apenas na jornada de descobrimento, mas também na saúde mental. É fato que as relações interpessoais são a origem de qualquer cultura, o que move as pessoas e as inspira a viver em sociedade, os seres humanos precisam do contato para se sentirem bem, e a sensação de solidão por não ser compreendido pode causar danos psicológicos permanentes. Bauman, também em Amor Líquido (2004) discorre sobre essa vivência em conjunto:

“Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial.” (BAUMAN, 2004. p. 6).

A revista Superinteressante publicou, em 2017, uma matéria na seção *Mundo Estranho* considerando novelas exibidas no Brasil entre 1970 e 2017 que mostraram personagens LGBT+, sendo o primeiro deles vivido por Ary Fontoura, que interpretava um costureiro e carnavalesco, carregado de estereótipos e que servia como certo alívio cômico na novela *Assim na Terra como no Céu*, escrita por Dias Gomes. A reportagem conta com infográficos que resumem a quantidade de personagens na novela através das décadas e também uma breve informação sobre a história dos mesmos, como o tipo de final, se foi feliz ou não e se houve algum beijo não censurado. Além de estereotipar, as produções mais antigas tinham o costume de dar um final infeliz, geralmente com a morte das personagens. Isso é um fenômeno que ocorre até hoje em grandes produções voltadas para mulheres lésbicas e bissexuais, que sofrem com cancelamentos de séries e mortes das personagens favoritas do público.

Não apenas a existência da representação, a forma como ela é exibida e discutida importa pois influencia a opinião do público e a mensagem passada. O estereótipo de que gays são sempre estilosos, engraçados e oferecidos, por exemplo, foi disseminado nesses veículos e carrega um preconceito que mesmo hoje é difícil de apagar e reverter. Por isso é necessário lutar cada vez mais por uma visibilidade justa, não só de sexualidade, mas também de gênero, que ainda é muito escassa e, quando aparece, é feita de forma pobre e apenas incentiva o preconceito do público que assiste.

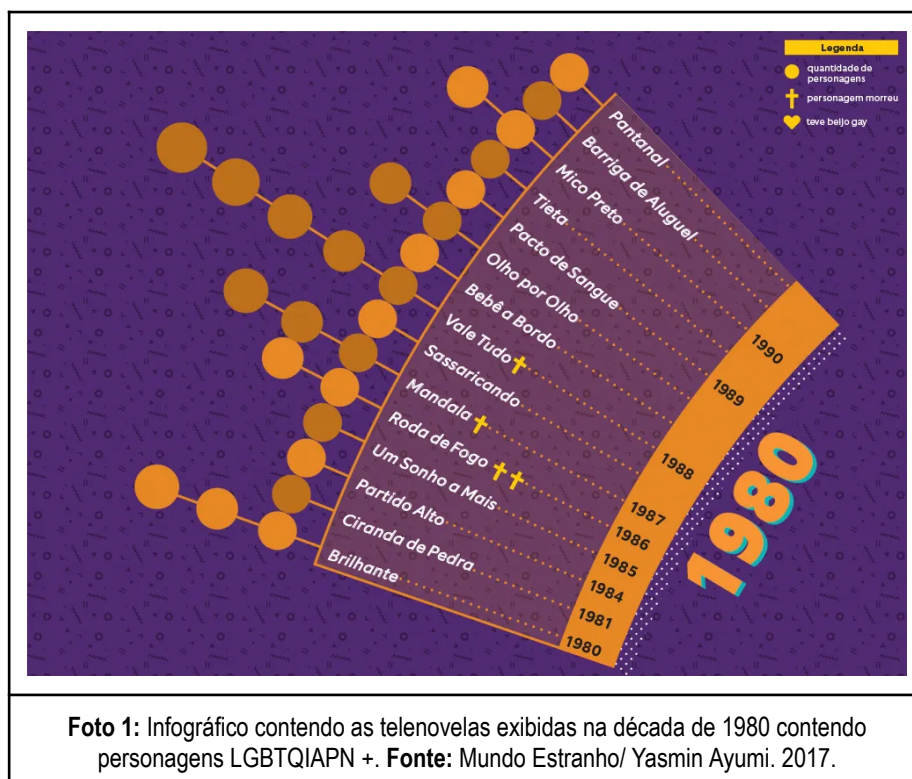


Foto 1: Infográfico contendo as telenovelas exibidas na década de 1980 contendo personagens LGBTQIAPN +. Fonte: Mundo Estranho/ Yasmin Ayumi. 2017.

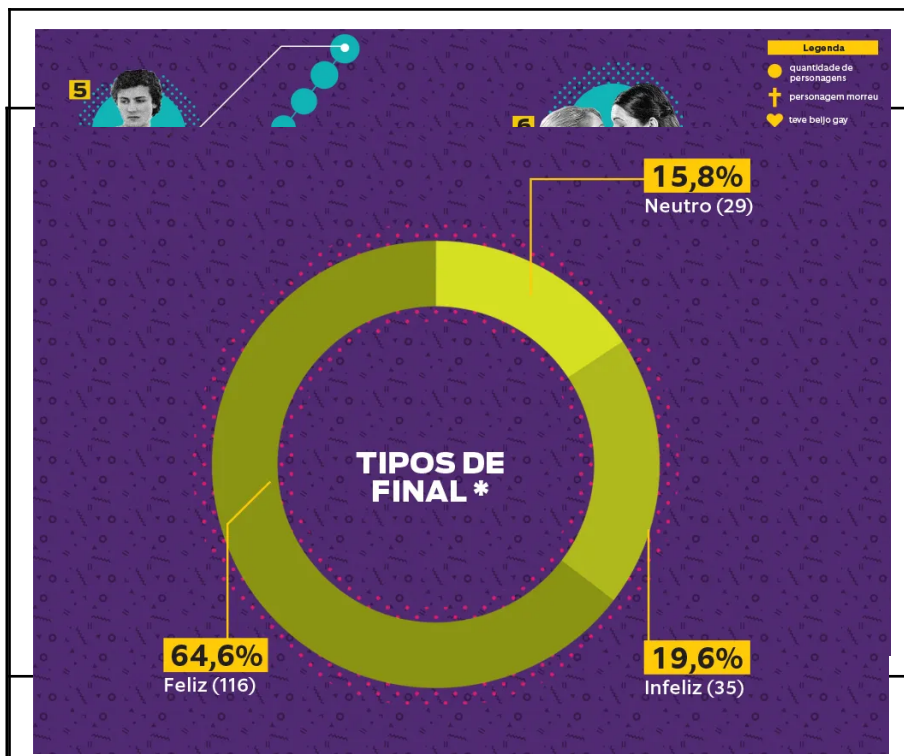


Foto 3: Infográfico contendo os tipos de finais dados a personagens queers nas telenovelas brasileiras. Fonte: Mundo Estranho/ Yasmin Ayumi. 2017.

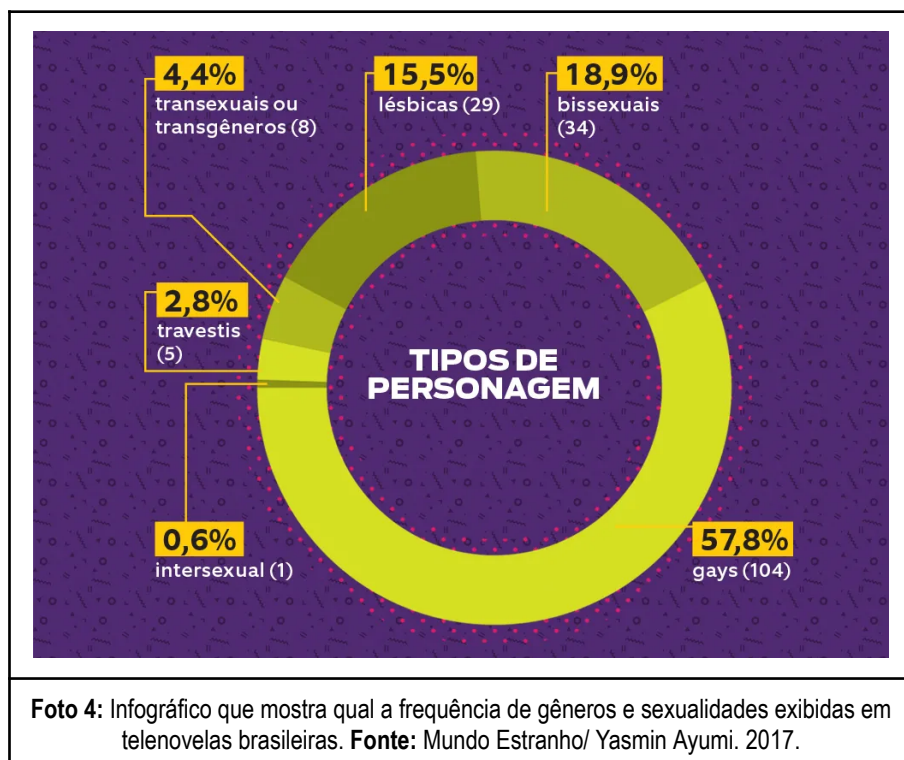


Foto 4: Infográfico que mostra qual a frequência de gêneros e sexualidades exibidas em telenovelas brasileiras. Fonte: Mundo Estranho/ Yasmin Ayumi. 2017.

Considerações Finais

É de grande importância compreender a importância do surgimento e permanência de redes sociais que promovem uma globalização instantânea e os impactos que podem vir a surgir na trajetória dos sujeitos que estão inseridos em tal contexto, tanto positivos quanto negativos. A consciência de que as diversidades devem ser respeitadas deve ser levada a sério e essa discussão precisa se fazer cada vez mais presente nos veículos de mídia no Brasil e no mundo, porém, não se pode esquecer que as grandes empresas visam sempre apenas o lucro a qualquer custo, disfarçando esse objetivo em campanhas publicitárias que viralizam nas redes; as motivações para tais lutas ao mesmo tempo em que o preconceito é financiado devem ser questionadas. Como visto anteriormente na pesquisa de ocorrências de visibilidade, é possível perceber que apesar do avanço quando comparado ao século passado, ainda existe espaço no Brasil para a ampliação e melhora desse debate, combatendo os discursos preconceituosos presentes e disseminados por políticos que buscam o retrocesso uma vez foi superado por ativistas, que conquistaram direitos que deveriam ser indiscutíveis e imutáveis.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

BENNETT, Lucy. 'If we stick together we can do anything': Lady Gaga fandom, philanthropy, and activism through social media. *Celebrity Studies*, v. 5, n. 1-2, p. 138-152. 2014

BERNARDO, André. Infográfico: evolução dos personagens LGBT nas novelas, ano a ano. Superinteressante, 28 jun 2017. Mundo Estranho. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano>. Acesso em: 09 dez 2023.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Tradução de Eduardo Brandão - 2ª Ed. - São Paulo: Martins Fontes, Coleção Tópicos. 1999.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo*. Campinas/São Paulo: [sn], 2002.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Unesp, 1999.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"*. Edufba, 2018.

PRENSKY, Marc. *Digital Natives, Digital Immigrants. On the horizon* (MCB University Press, Vol. 9, No. 5). 2011.